

Viagem ao Interior da Nova Holanda

Vasco José de Aguiar

(Excerto seleccionado por Jorge Bastos da Silva)

Citação: Vasco José de Aguiar, *Viagem ao Interior da Nova Holanda, E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 7 (2007). ISSN 1645-958X.

<<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/revista/index.htm>>

(Seleccionado a partir do texto sob o mesmo título: V. J. A., *Viagem ao Interior da Nova Hollanda, obra moral, crítica e recreativa, dedicada a Sua Magestade Fidelissima a Rainha*, Lisboa, Typ. de Vicente Jorge de Castro & Irmão [Vols. II e III: Typ. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis], 1841, 3 vols.)

Como tinha adormecido tarde, despertei pelas oito horas da manhã a tempo que meu amo já vestido se dispunha a acordar-me, e ainda não tinha acabado de vestir-me quando chegaram os nossos mestres, que, principiando logo no exercício de que estavam incumbidos, continuaram uma lição de uma hora, que foi interrompida pela chegada de um criado, que da parte do príncipe nos chamou para o almoço. E, tendo seguido os nossos mestres, entrámos em uma grande sala cujas paredes, pintadas com o mais raro primor, apresentavam diversos fundos de jardins, que se descobriam através de arcadas e colunatas, entre as quais voavam muitas aves, e apareciam muitos homens e animais de figuras mui extravagantes. Tal era a ilusão destas figuras tão preciosas que eu me persuadi à primeira vista que as paredes eram rotas, e que tanto as aves como as outras figuras sobressaíam realmente nos pavimentos das arcadas. Eu cheguei a aproximar-me a uma daquelas paredes para me desenganar. A beleza do colorido excedia as mais lindas produções das escolas flamenga e veneziana, apresentando as figuras tanta vida que parecia só faltar-lhes a voz e movimento. A vista destas belíssimas pinturas removeria toda a dúvida sobre as ilusões que se atribuem às obras de alguns mestres da antiga escola grega, quando não bastasse a comparação da sublimidade dessas belas estátuas, que hoje se admiram, com o primor dos quadros da mesma escola, que o tempo consumiu.

Sua Magnanimidade, que se achava já naquela sala, nos fez assentar ao seu lado junto de uma grande mesa, em que haviam [*sic*] muitos vasos de finíssima porcelana donde os serventes (que não faltaram com o seu regente, à excepção dos trinchantes) distribuíam caldos mui saborosos e vigorados, seguindo-se algumas preparações de leite que achei deliciosas; bolos de inumeráveis qualidades, doces secos, geleias, algumas frutas e vinho.

Aqueles povos não usam de bebidas espirituosas, que reputam irritantes, nem de chás, que no seu conceito promovem debilidades e entorpecimentos. Os seus vinhos são os mais puros e generosos, e o seu pão não pode ser excedido.

Seriam dez horas quando nos levantámos da mesa. E saindo para a varanda que ocupava a extensão de toda a frente do palácio, para o lado do jardim, passeávamos à vista deste tão agradável e magnífico sítio, em companhia do príncipe, de alguns dos seus familiares e dos nossos mestres, que nunca nos largavam nem perdiam tempo para nos adiantar no conhecimento da sua língua. Até que um criado dos que exerciam o cargo de mestre de cerimónias se chegou a falar ao príncipe, o qual disse algumas palavras aos nossos mestres, que logo nos explicaram que se aproximava a hora de dirigirem à sua divindade a oração quotidiana, à qual a sua religião os obrigava, e que seu amo nos convidava para o acompanhar naquele acto, a fim de tributar conjuntamente com a sua família os devidos louvores ao Criador do Universo. Meu amo não hesitou em anuir, porém eu não podia resolver-me a praticar um acto que poderia reputar-se idólatra ou herético. E comunicando-lhe o enleio em que flutuava, ele me desabusou advertindo-me que aquela nação tão superior a todos os povos da Terra não poderia admitir um culto que se não ajustasse à razão e à verdade; que não podíamos duvidar em conformar-nos com o uso daquelas gentes quando se tratasse de adorar O Deus de todas as Nações, Aquele Ente Necessário que o bom senso, a razão e a filosofia evidenciam a todo o homem ilustrado sem os auxílios da revelação; porém que se descobrisse a mais leve implicância com a sublime doutrina do Nosso Divino Legislador, ele se recusaria com a maior franqueza a praticar qualquer acto que agravasse a sua consciência em objecto tão melindroso.

¹ O dia astronómico principia ao meio-dia e acaba no meio-dia seguinte. (*Nota do original.*)

Entretanto atravessámos alguns quartos, e seguindo até ao meio da soberba galeria descemos ao vestíbulo, donde entrámos na capela do palácio, naquele majestoso templo que seria tão difícil descrever a quem o visse como impossível de acreditar a circunstância da exposição daquela maravilha da arte, que excedia tudo o que naquele género poderia ocorrer à imaginação mais elevada. Ele ocupava o centro daquele vastíssimo edifício, a sua forma circular apresentava uma nave de trinta pés de largura (que seguia toda a volta) sustentada em um peristilo de grossas colunas espirais de lápis-lazúli. Sobre os capitéis de metal dourado, e de um gosto inteiramente novo, descansava a arquitrave de mármore preto mui polido e luzente, seguindo-se um largo friso de alabastro, em que se admirava uma série de relevos em bronzes dourados, representando meninos brincando com serpentes, leões deitados com cordeiros, rolas pousadas sobre águias, e outros símbolos da inocência e pureza de costumes dos primeiros tempos. A soberba e mui saliente cornija da mesma pedra da arquitrave com ornatos de prata sustentava o elevado zimbório, o qual correspondia à sumptuosidade que brilhava em todo aquele vasto e majestoso recinto, cujo diâmetro era de duzentos pés, sem contar a largura da nave.

Extasiados com a vista que oferecia aquele todo tão magnífico, requintou o nosso pasmo logo que atendemos às pinturas que ornavam as paredes. Um representavam com a mais viva expressão batalhas encarniçadas, assassinatos, rixas, roubos, devassidões e iguais cenas da miséria e perversidade da espécie humana. Outras exprimiam, com uma energia que aterrava, inundações, terremotos, pestes assoladoras e outros flagelos capazes de extinguir até a memória das nações mais opulentas. Eu não podia atinar com a misteriosa alusão destas pinturas tão sublimes que contrastavam aqueles primorosos relevos, que seguiam todo o friso, até que, atraído por um daqueles quadros, que ocupava a parte da parede que correspondia exactamente à entrada principal, me aproximei com meu amo para admirarmos de mais perto aquele prodígio da arte, que excedia as mais sublimes composições de Miguel Ângelo e de Rubens, e a elevada expressão que se admira no Dominiquino, David e Rafael. Este maravilhoso quadro de quinze pés de largo e vinte de altura apresentava no centro uma figura de homem com tal analogia com as imagens do Redentor representadas na Transfiguração e na aparição ao Evangelista entre os sete candeieiros de ouro do Apocalipse, que se afirmaria que o autor tinha copiado algum desses modelos tão sublimes da escola romana, que tanto arrebatam os espectadores pela impressão de respeito que inspira a sua tão majestosa formosura. Diferentes grupos de figuras circundavam em alguma distância aquela figura principal. A diversidade de seus vestidos e fisionomias indicava pertencerem a diferentes tempos e nações. A mais viva expressão de respeito e atenção sobressaía nos modos com que todos admiravam a figura do centro. Alguns génios representados por meninos, que excediam toda a beleza dos querubins do inimitável Rafael, apresentavam àqueles heróis (que pelos seus vestidos e insígnias pareciam filósofos e legisladores) diversos símbolos da paz, da inocência e da virtude. Aos pés daquela majestosa figura em que o sublime ideal não podia ser excedido, jaziam algumas figuras horrendas e extravagantes, vendo-se ao largo outros monstros que fugiam aterrados e espavoridos. Uma luz celeste que saía de um globo resplandecente rodeado de brilhantes nuvens, reflectindo na majestosa frente do herói principal, despedia raios luminosos que se dirigiam aos rostos daqueles filósofos, que todos pareciam extasiados.

Tanto eu como meu amo não podíamos apartar os olhos daquele quadro tão maravilhoso. Ele me perguntou se me ocorriam algumas ideias sobre as alusões daquela sublime alegoria. Principiava a responder-lhe quando um desusado e incrível estrondo produzido por mais de quinhentas trombetas e outros instrumentos de metal de fortes e variados sons, que se tocaram nos terraços daquele sumptuoso edifício e sobre a cúpula do elevado zimbório, anunciou a maior elevação do Sol e o princípio de outro dia, pois que estes povos seguem o método de marcar os dias pelo tempo astronómico. Apenas se ouviu aquele som, mais de cinco mil pessoas que povoavam este sagrado recinto se prostraram voltadas para o centro, aonde se levantava um anfiteatro de oito degraus em que mais de cinquenta caçoulas de ouro trabalhadas com o maior primor exalavam os mais suaves perfumes à roda de um grande globo do mesmo metal, todo liso e mui polido, colocado sobre uma base cilíndrica, que se levantava a quinze pés, coberta do mais precioso tisso de ouro recamado de pedras preciosas. Vinte [e] quatro candeieiros de prata, de dez lumes cada um, circundavam no pavimento junto do primeiro degrau todo este majestoso anfiteatro. A sua altura era de oito pés, e os seus feitios e labores apresentavam o mais novo e requintado gosto. Um riquíssimo pavilhão sustentado em quatro balaústres de ouro, que se levantavam no pavimento superior junto do último degrau, cobria com inexplicável elegância todo o espaço compreendido neste círculo tão aparatoso, que ocupava o centro daquele majestoso templo. Um venerável ancião, cujas vestes tinham muita analogia com os hábitos do Grande Sacerdote dos Hebreus, seguido de doze jovens vestidos de túnicas de uma alvura que excedia a da neve reflectida pela luz do Sol, se dirigiu ao primeiro degrau; e depois de uma profunda inclinação subiu até ao último, aonde se prostrou; e, tendo-se levantado, lançou novos perfumes nas caçoulas, e chegando-se a um altar de ouro liso e mui luzente ofereceu as mais formosas e esquisitas flores, e os frutos mais excelentes, depois colocou sobre o altar duas preciosas gaiolas, que encerravam muitos e lindos passarinhos, e abrindo-as

deu liberdade àquelas inocentes criaturas. A majestosa gravidade que reluzia no semblante e modos deste venerável sacerdote correspondiam à candura e inocência que se divisavam naqueles rostos angélicos dos jovens levitas que lhe ministravam.

Logo que o respeitável sacerdote concluiu aquele augusto cerimonial, se prostrou novamente com os seus acólitos, e apenas se ergueu, elevando as suas mãos para o céu, recitou uma fervorosa oração, que foi seguida de um hino que os jovens levitas executaram com vozes celestiais. O respeito e atenção com que todo aquele povo assistia a estes actos tão sublimes sobressaíam na fervorosa e ingénua devoção com que em voz baixa acompanharam o hino e orações, que por espaço de um quarto de hora se seguiram. O sacerdote recitou em voz alta uma segunda oração, e tendo beijado o altar se dirigiu ao príncipe, que sobre uma riquíssima alcatifa, junto do primeiro degrau, assistia àqueles actos religiosos, e depois de uma grande reverência (a que o príncipe respondeu com outra igual) o beijou no ombro esquerdo. Sua Magnanimidade, à frente de um grande séquito (em que nos achávamos com os nossos mestres), tendo recebido com o maior recolhimento este sinal de paz e amizade fraternal em nome do Pai Comum de todas as criaturas do universo, o transmitiu às princesas, às pessoas do seu Conselho e aos primeiros oficiais da sua casa, que igualmente o comunicaram a todas as pessoas do cortejo, e estas a uma parte do povo, que do mesmo modo o transferiu à outra parte, até compreender todos os homens que se achavam naquele espaçoso recinto. Este príncipe, que nos distinguiu com particularidade, nos transmitiu aquele ósculo sagrado logo depois das princesas suas irmãs, as quais o comunicaram a outras senhoras, até que, seguindo a mesma ordem que nos homens, compreendeu todas as pessoas do seu sexo. Tanto eu como meu amo não nos satisfazíamos de admirar a modéstia e devoção com que toda aquela gente atendia às cerimónias e acompanhava as orações com que tributavam o devido culto à divindade. Nós imitámos todos os actos exteriores daquele povo, pois que se dirigiam a adorar o Ser Supremo sem detrimento da religião do Soberano Mediador que professávamos.

E, apenas se concluiu aquele acto, pedimos aos nossos mestres nos ilustrassem sobre as alegorias daquelas pinturas das paredes, dos ornatos do friso e particularmente daquele sublime quadro que tanto nos tinha interessado. Apesar das dificuldades que oferecia a satisfação da nossa curiosidade, era tal a perícia dos mestres, a aptidão de meu amo, e a viva expressão das pinturas e ornatos, que logo compreendemos o sentido daqueles prodígios da pintura e escultura, cuja significação circunstanciada só alcançámos depois que aprendemos a língua daquela grande nação.

Todos os ornatos do friso representando a sociedade de meninos com serpentes, e de alguns animais tão terríveis com outros tão dóceis e pacíficos, simbolizavam a candura, a paz e a inocência, que aqueles povos atribuem à primeira idade do mundo. Todas as cenas de horror representadas nas pinturas das paredes com tal força que faziam estremecer se dirigiam a mostrar os resultados da degeneração da espécie humana, cujos crimes, provocando a cólera celeste, atraíram sobre os homens aquelas horríveis catástrofes, produzidas em parte pela alteração dos elementos tão corruptos como eles. O sublime herói do centro do grande quadro dos filósofos e legisladores representava a imagem do Profeta daquelas gentes, que por uma doutrina celestial restabeleceu a paz, a inocência e a pureza de costumes dos primeiros tempos. A missão da divindade representada pelos raios de luz que saíam do globo resplandecente se manifestava aos filósofos e legisladores de todos os tempos e nações, que, tendo-se dedicado à sublime tarefa de melhorar os homens tornando-os sábios, justos e virtuosos, reconheciam e admiravam aquela tão elevada doutrina, como a mais própria e eficaz para produzir os fins a que tanto se aplicavam. Os emblemas apresentados pelos génios significavam a paz e a prosperidade que deveriam resultar da prática dos preceitos e conselhos daquele Supremo Legislador. Os monstros que jaziam, e os que fugiam aterrados, eram símbolos dos erros, vícios e misérias que infeccionavam a espécie humana, os quais, não podendo já exercer o seu império sobre os homens, eram derribados e expulsos.

Todo o povo se tinha retirado, e só o príncipe com as pessoas do cortejo permaneciam junto de nós, observando com a maior satisfação o interesse com que olhávamos aquele maravilhoso quadro e atendíamos [à] explicação de tão sublime alegoria. Até que seriam duas horas quando nos disseram os nossos mestres que o príncipe partia para a cidade a fim de dar audiência aos povos daquela província e que nos perguntava se o queríamos acompanhar. Meu amo explicou com os mais expressivos sinais quanto apreciávamos a honra com que nos distinguiu, e a nossa resignação com as suas ordens; e tendo entrado em uma grande carruagem com o príncipe, dois oficiais da sua casa, três pajens e os nossos mestres, nos dirigimos para a cidade.

Segundo a lei fundamental daquele reino, o herdeiro presuntivo da coroa, logo que chega à idade de dezoito anos, passa a governar alguma das províncias daqueles grandes estados com uma autoridade em tudo igual à do soberano, que se não entremete [*sic*] com o seu governo e só lhe é permitido adverti-lo ou transferi-lo para outra província; sendo contudo [o príncipe] responsável perante o rei e o seu grande Conselho pelos abusos de poder que praticasse no exercício da suprema autoridade que se lhe havia confiado a fim de o habilitar para bem reger tão grande número de súbditos quando fosse elevado ao trono de seus predecessores. O governo daquela opulenta nação é monárquico e hereditário, e tal é o

amor que todas as hierarquias professam à razão e à justiça que a sua história apenas oferece mui raras e leves omissões nos governos daqueles príncipes, que não deixaram de ser punidas com as mais severas advertências e com a permutação para os governos das províncias menos consideráveis daquele grande reino. Entre os deveres do imperante se distingue a prática de dar quotidianamente audiência, exceptuando os dias em que se celebram as principais festas e aqueles que pela constituição daquela monarquia lhe são concedidos, a seu arbítrio, para repouso, que nunca podem exceder o número de quarenta em cada uma das duas partes em que dividem o seu ano.